



Trabalho, Educação e Saúde

Enfrentamento das violências contra a mulher na Atenção Primária à Saúde: revisão de escopo

Confronting violence against women in Primary Health Care: scope review
Confronting violence against women in Primary Health Care: scope review

Enfrentamiento de la violencia contra la mujer en la Atención Primaria a la Salud: revisión de ámbito

Gerliane Filgueira Leite¹, Ana Caroliny Oliveira da Silva²,
Felice Teles Lira dos Santos Moreira³, Sásya Jorgeanne Barros Bezerra⁴,
Cinthia Gondim Pereira Calou⁵, Grayce Alencar Albuquerque⁶

Resumo

Este estudo objetivou mapear as evidências científicas sobre o enfrentamento da violência contra a mulher pela Atenção Primária à Saúde. Trata-se de uma revisão de escopo – conforme recomendações da Joanna Briggs Institute Reviewers – na Biblioteca Virtual de Saúde, na National Library of Medicine, na Web of Science e no Google Acadêmico, por meio dos descritores: “Violence Against Women”, “Primary Health Care”, “Health Promotion” e sinônimos, combinados com os operadores AND e OR. Para a seleção dos estudos, utilizou-se o Rayyan, software que auxilia na triagem e seleção de artigos. Encontraram-se 249 artigos, dos quais 27 responderam à pergunta de pesquisa e foram processados pelo IRaMuTeQ, o que resultou em seis classes textuais e cinco categorias. Estas revelam o estabelecimento do vínculo e da confiança construídos por meio do acolhimento e da escuta ativa, o cuidado humanizado, a articulação intersetorial, os encaminhamentos e notificações, a atuação estratégica dos agentes comunitários de saúde, além das ações de orientação e educação em saúde. Limitações são frequentes, como escassez de treinamentos, sobrecarga de trabalho e estigmas sociais. É perceptível a importância das estratégias de enfrentamento das violências contra a mulher na Atenção Primária à Saúde, mas ainda existem muitos desafios para sua concretização.

Palavras-chave violência contra a mulher; Atenção Primária à Saúde; estratégias de enfrentamento.

ARTIGO DE REVISÃO

<https://doi.org/10.1590/1981-7746-ojs3593>

¹Universidade Regional do Cariri, Departamento de Enfermagem, Programa de Mestrado Acadêmico em Enfermagem. Crato, Brasil.

✉ gerliane.filgueira@urca.br
<https://orcid.org/0000-0003-2688-6244>

²Universidade Regional do Cariri, Departamento de Enfermagem, Programa de Mestrado Acadêmico em Enfermagem. Crato, Brasil.

✉ caroliny.oliveira@urca.br
<https://orcid.org/0000-0003-2457-2663>

³Universidade Regional do Cariri, Departamento de Enfermagem, Crato, Brasil.

✉ felice.teles@urca.br
<https://orcid.org/0000-0002-1979-5232>

⁴Universidade Regional do Cariri, Departamento de Enfermagem, Programa de Mestrado Acadêmico em Enfermagem. Crato, Brasil.

✉ saskya.barros@urca.br
<https://orcid.org/0000-0002-2917-4755>

⁵Universidade Regional do Cariri, Departamento de Enfermagem, Programa de Mestrado Acadêmico em Enfermagem. Crato, Brasil.

✉ cinthia.calou@urca.br
<https://orcid.org/0000-0003-3488-6965>

⁶Universidade Regional do Cariri, Departamento de Enfermagem, Programa de Mestrado Acadêmico em Enfermagem. Crato, Brasil.

✉ grayce.alencar@urca.br
<https://orcid.org/0000-0002-8726-0619>

Como citar: LEITE, Gerliane F. *et al.* Enfrentamento das violências contra a mulher na Atenção Primária à Saúde: revisão de escopo. Trabalho, Educação e Saúde, Rio de Janeiro, v. 24, 2026, e03593333. <https://doi.org/10.1590/1981-7746-ojs3593>

Recebido: 15/08/2025
Reapresentado: 06/05/2026
Aprovado: 26/05/2026



Abstract

The objective was to map the scientific evidence on addressing violence against women through Primary Health Care. A scoping review was conducted in accordance with the Joanna Briggs Institute Reviewer's guidelines, with data searched in the Virtual Health Library, the National Library of Medicine, Web of Science, and Google Scholar. The search used the descriptors: "Violence Against Women," "Primary Health Care," and "Health Promotion," along with their synonyms, combined using the operators AND and OR. Rayyan was used to select the studies. A total of 249 articles were found, of which 27 answered the research question and were processed by IRaMuTeQ, resulting in six textual classes and five categories. These reveal the establishment of bonds and trust through welcoming and active listening, the promotion of comprehensive and humanized care, multiprofessional and intersectoral coordination, referrals, and notifications, with an emphasis on the approach by Community Health Agents due to their strategic role. Additionally, health guidance and education emerge as essential strategies. Limitations such as lack of training, work overload, and social stigmas are common. Therefore, the importance of strategies to combat violence against women in Primary Health Care is clear, but many challenges remain for their implementation.

Keywords violence against women; primary health care; coping strategies.

Resumen

El objetivo fue recopilar las pruebas científicas sobre la lucha contra la violencia hacia la mujer por parte de la Atención Primaria de Salud. La revisión del alcance se realizó según las recomendaciones del Joanna Briggs Institute Reviewers, con una búsqueda de datos en la Biblioteca Virtual de Salud, la Biblioteca Nacional de Medicina, Web of Science y Google Académico, mediante los descriptores: «Violence Against Women», «Primary Health Care» y «Health Promotion», y sus sinónimos combinados utilizando los operadores AND y OR. Para la selección de los estudios se utilizó Rayyan. Se encontraron 249 artículos, de los cuales 27 respondieron a la pregunta de investigación y fueron procesados por IRaMuTeQ, lo que dio como resultado seis clases textuales y cinco categorías. Estas revelan el establecimiento de vínculos y confianza a través de la acogida y la escucha activa, la promoción de la atención integral y humanizada, la articulación multiprofesional e intersectorial, las derivaciones y notificaciones, con énfasis en el enfoque de los agentes comunitarios de salud, debido a su actuación estratégica, además de las orientaciones y la educación en salud como estrategias esenciales. Además, son frecuentes las limitaciones, como la escasez de formación, la sobrecarga de trabajo y los estigmas sociales. De este modo, se percibe la importancia de las estrategias de lucha contra la violencia hacia la mujer en la atención primaria de salud, pero aún existen muchos retos para su concreción.

Palabras clave violencia contra la mujer; atención primaria de salud; estrategias de lucha.

Introdução

A violência contra a mulher é um problema sócio-histórico, perpetrado desde os primórdios da humanidade, estruturado em uma sociedade autoritária e predominantemente machista, constituída por sistemas de hierarquia e dominação, como o patriarcado, o racismo e o capitalismo (Barroso, 2019). Caracteriza-se por toda e qualquer conduta com uso intencional de força ou poder, por meio de ameaça ou agressão real, fundamentada em relações de gênero, que resulte ou possa resultar em morte, danos ou sofrimentos físicos, sexuais, morais ou psicológicos à mulher, tanto no âmbito público como no privado (Silva e Oliveira, 2015).

A necessidade de mudança desse cenário torna-se urgente, o que implica a criação de leis e políticas públicas para redução e criminalização da violência contra a mulher. Como exemplo, tem-se a Política de Enfrentamento da Violência contra a Mulher, a Lei Maria da Penha, a Política Nacional de Enfrentamento à Violência Sexual contra as Mulheres, a Lei do Feminicídio e o Plano Nacional de Enfrentamento à Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes, implementados no Brasil (Domingos, 2024).

No entanto, mesmo com tantos avanços e conquistas, a violência contra a mulher configura-se como um problema urgente e endêmico na sociedade atual. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a violência

contra a mulher ocorre em fases cada vez mais precoces da vida e afeta grande parcela da população feminina mundial (World Health Organization, 2021).

Dados indicam que o Brasil ocupa posição de destaque no *ranking* dos países com maior incidência de feminicídio e violência contra a mulher. Com base na Pesquisa Nacional de Saúde do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (PNS/IBGE), estima-se que a cada ano ocorram no mínimo 822 mil casos de estupro no país e que cerca de 30% da população feminina já tenha sido vítima de algum tipo de violência ao longo da vida. Ademais, estima-se que 4.762 mulheres sejam assassinadas por ano no Brasil, das quais 50,3% resultam de conflitos familiares (Cerqueira e Bueno, 2023).

Embora atinja todas as mulheres e não esteja condicionada a cor ou etnia, religião, cultura, grau de escolaridade ou classe social, a violência contra a mulher apresenta maior incidência e perpetração em populações mais vulneráveis, como mulheres negras, com baixa escolaridade e de baixa classe social, manifestando-se sob as formas física, psicológica, sexual, patrimonial e moral, com importantes repercussões negativas nas vidas das mulheres (Curia et al., 2020).

Estudos apontam que mulheres que sofrem ou já sofreram algum tipo de violência são mais propensas a adotar comportamentos de vida não saudáveis, a exemplo de sedentarismo e consumo de substâncias como álcool e drogas, além de apresentarem maior risco de desenvolver problemas de saúde física, mental, sexual e reprodutiva, bem como maior incidência de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), gravidez indesejada e abortos (Curia et al., 2020). Nesse sentido, percebem-se a gravidade e a repercussão da violência contra a mulher na sociedade, interferindo negativamente, sobretudo, na saúde pública, com efeitos tanto na saúde individual quanto na coletiva, o que exige medidas urgentes na formulação de políticas e ações específicas para a prevenção e o enfrentamento da violência e suas repercussões no campo da saúde pública (Azambuja e Nogueira, 2008).

Em tal cenário, a Atenção Primária à Saúde (APS) desempenha um papel primordial no enfrentamento da violência contra a mulher e seus agravos, uma vez que se constitui como a principal porta de entrada do Sistema Único de Saúde (SUS) (Mendonça et al., 2020). A APS configura-se como um ponto estratégico da rede de atendimento à mulher em situação de violência, pois possibilita a realização de ações educativas e de prevenção na comunidade, oferece assistência integral e promove o empoderamento das mulheres em articulação com outros setores, permitindo a concretização dos preceitos estabelecidos nos eixos estruturantes da Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres (Brasil, 2011).

Assim, percebe-se a necessidade de se compreenderem mais profundamente as ações realizadas pelos profissionais da APS no contexto da atenção às mulheres em situação de violência. Nesse contexto, o estudo aqui apresentado teve como objetivo mapear as evidências científicas sobre o enfrentamento da violência contra a mulher pela Atenção Primária à Saúde.

Métodos

Trata-se de um estudo de revisão de escopo, conduzido conforme o referencial metodológico proposto pelo Joanna Briggs Institute Reviewers (JBI) e as recomendações do *checklist* Prisma-ScR (*Prisma Extension for Scoping Reviews*). Para seu delineamento, seguiram-se as cinco etapas metodológicas definidas por Arksey e O'Malley (2005): identificação da questão de pesquisa; identificação dos estudos relevantes; seleção dos estudos; mapeamento dos principais dados de informação obtidos; categorização, resumo e exposição descritiva dos resultados.

Para a construção da pergunta de pesquisa, utilizou-se a estratégia PCC: *population* (população), *concept* (conceito) e *context* (contexto). A população do estudo corresponde a mulheres em situação de violência; o conceito refere-se ao enfrentamento; e o contexto é a Atenção Primária à Saúde (APS). Com base nessas definições, estabeleceu-se a seguinte pergunta norteadora: quais são as evidências científicas acerca do enfrentamento da violência contra a mulher na Atenção Primária à Saúde?

O levantamento dos dados foi feito na Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), na National Library of Medicine (PubMed), na Web of Science e na literatura cinzenta, por meio do Google Acadêmico. A busca ocorreu de forma pareada e independente por dois revisores, utilizando o vocabulário controlado Medical Subject Headings

(MeSH) e seguintes descritores “*Violence Against Women*”, “*Health Promotion*” e “*Primary Health Care*”, bem como o vocabulário controlado Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) com os descritores “Violência Contra a Mulher”, “Promoção da Saúde” e “Atenção Primária à Saúde”.

Combinaram-se os descritores de formas variadas, com sinônimos e variações terminológicas para ampliar as buscas. A combinação dos descritores foi realizada por meio dos operadores booleanos AND e OR. Entre os termos do mesmo componente da estratégia PCC, usou-se o operador OR, e nas combinações entre componentes diferentes, empregou-se o operador AND, conforme apresentado no Quadro 1.

Quadro 1 – Detalhamento da estratégia de busca de população, conceito e contexto.

	População	Conceito	Contexto
Extração	Violência contra a Mulher	Promoção da Saúde	Atenção Primária à Saúde
Conversão	<i>Violence against Women</i>	<i>Health Promotion</i>	<i>Primary Health Care</i>
Combinação	Crimes against Women; Domestic and Sexual Violence against Women; Offenses against Women	Health Promotions; Promotion of Health; Promotions, Health	Care, Primary; Care, Primary Health; Health Care, Primary; Healthcare, Primary; Primary Care; Primary Healthcare
Construção	“Violence against Women” OR “Crimes against Women” OR “Domestic and Sexual Violence against Women” OR “Offenses against Women”	“Health Promotions” OR “Promotion of Health” OR “Promotions, Health”	“Care, Primary” OR “Care, Primary Health” OR “Health Care, Primary” OR “Healthcare, Primary” OR “Primary Care” OR “Primary Healthcare”
Uso	(“Violence against Women” OR “Crimes against Women” OR “Domestic and Sexual Violence against Women” OR “Offenses against Women”) AND (“Health Promotions” OR “Promotion of Health” OR “Promotions, Health”) AND (“Care, Primary” OR “Care, Primary Health” OR “Health Care, Primary” OR “Healthcare, Primary” OR “Primary Care” OR “Primary Healthcare”)		

Fonte: adaptado de Araújo (2020).

Consideraram-se para inclusão todas as literaturas publicadas em acesso aberto, sem restrição de idioma e sem recorte temporal, que apresentassem pelo menos os dois primeiros termos de busca ou suas derivações no título, no resumo ou no texto, bem como estudos que abordassem a violência contra a mulher no contexto da APS, expondo experiências com esse fenômeno e estratégias de enfrentamento da violência. Foram excluídos todos os artigos duplicados, pagos e não disponíveis em texto completo, cartas ao editor, resumos de anais de eventos, revisões da literatura, monografias, dissertações, teses, legislações e atos normativos.

Para auxiliar no gerenciamento da revisão e no cegamento das partes no processo de seleção pareada dos estudos, utilizou-se o aplicativo gratuito da *web Rayyan*, desenvolvido pelo Qatar Computing Research Institute (QCRI). Após submetidos ao *Rayyan*, os estudos foram avaliados por meio dos títulos e resumos, com o objetivo de verificar sua conformidade com os critérios de elegibilidade. Posteriormente, procedeu-se à leitura na íntegra dos artigos, resultando na seleção da amostra da revisão.

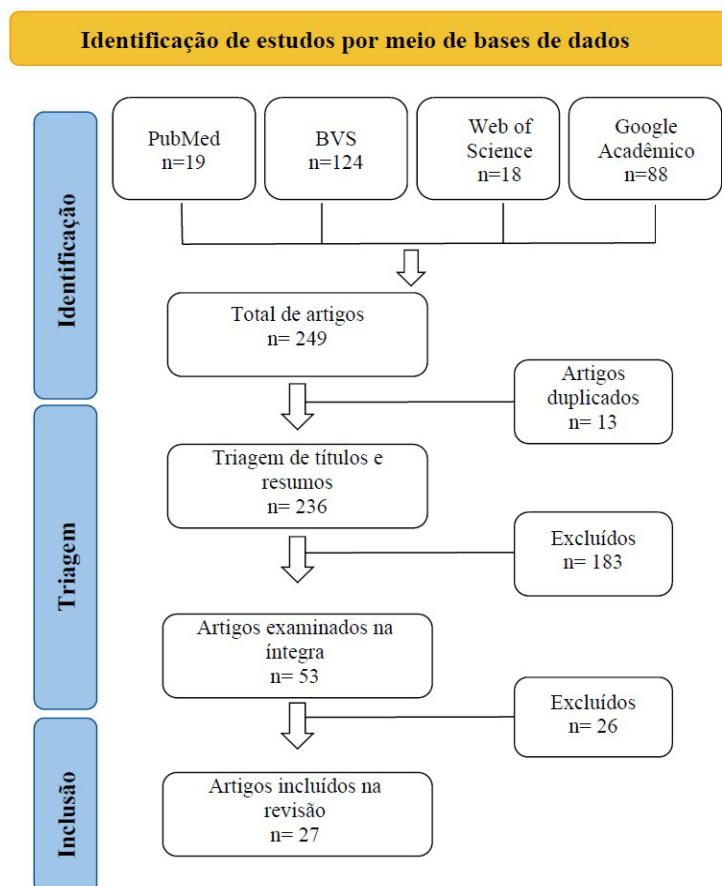
Agruparam-se todos os estudos selecionados conforme a semelhança dos objetivos, apresentando-se informações referentes ao autor e ao ano de publicação, objetivos e principais resultados dos estudos, as quais foram organizadas em planilha no *Microsoft Excel*.

Com o intuito de qualificar os achados por meio da análise estatística textual, houve a transcrição das informações obtidas na seção ‘principais resultados’ dos estudos selecionados para um documento *Writer* do *software LibreOffice 24.8*. Posteriormente, o *corpus* textual foi processado pelo *software Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires (IRaMuTeQ)*.

Resultados

Encontraram-se 249 artigos, sendo 161 provenientes das bases de dados e 88 da literatura cinzenta. Todos os artigos foram processados no *Rayyan* para garantir a imparcialidade na seleção pareada dos estudos conforme os critérios de elegibilidade. Nesse sentido, realizou-se a exclusão das 13 duplicatas identificadas, seguida pela triagem de títulos e resumos, na qual excluíram-se 183 artigos e selecionaram-se 53 para leitura na íntegra. Desses, 27 artigos responderam à pergunta de pesquisa (Figura 1).

Figura 1 – Fluxograma do resultado da busca de artigos.



Fonte: elaborado pelas autoras com base em Tricco e colaboradores (2018).

Agruparam-se os artigos selecionados conforme a semelhança dos objetivos (Quadro 2). Tais estudos foram publicados no período de 2009 a 2023 – 21 desenvolvidos no Brasil, quatro na Espanha, um nos Estados Unidos e um na África. Prevaleceram pesquisas exploratórias descritivas com abordagens qualitativas e, em menor quantidade, pesquisas transversais, estudos de caso, pesquisas participantes, pesquisas etnográficas e estudos metodológicos. Os instrumentos utilizados para a coleta de dados nas pesquisas foram entrevistas, questionários e observação.

Quadro 2 – Principais informações dos artigos selecionados.

Autor/País/Data	Objetivos	Principais resultados
Art. 01 - Borsoi, Brandão & Cavalcanti (2009) Art. 03 - Costa e Lopes (2012) Art. 04 - Osis, Duarte e Faúndes (2012) Art. 06 - Almeida, Silva e Machado (2014) Art. 07 - Moreira et al. (2014) Art. 08 - Santos et al. (2014) Art. 10 - Arboit et al. (2017) Art. 11 - Borburema et al. (2017) Art. 13 - Rodríguez-Blanes et al. (2017)	Analisar as práticas assistenciais prestadas pelos profissionais na Atenção Primária à Saúde às mulheres em situação de violência.	Acolhimento inicial, escuta qualificada, orientação sobre direitos e ações educativas e coletivas, como oficinas com mulheres rurais e teatro educativo. No entanto, o atendimento a essas mulheres ainda é limitado, prevalecendo o encaminhamento para outros serviços sem acompanhamento contínuo. Observa-se a ausência de protocolos específicos em muitas unidades, baixa notificação dos casos, prescrição de medicamentos como resposta pontual e fragilidades na atuação dos profissionais, motivadas por medo, falta de preparo, tempo e conhecimento. Unidades que investem em treinamentos demonstram abordagens mais eficazes, com maior empatia, vínculo, compreensão do contexto da paciente e atuação em rede.
Art. 02 - Ferrante, Santos e Vieira (2009) Art. 12 - Goicolea et al. (2017) Art. 23 - Carneiro et al. (2021) Art. 26 - Silva et al. (2022)	Identificar as diferentes percepções dos profissionais sobre os cuidados à mulher em situação de violência e seus desfechos.	Os achados mostram que os profissionais enfrentam significativas fragilidades para o enfrentamento da violência contra a mulher na Atenção Primária à Saúde, como falta de conhecimento sobre os fluxos de atendimento, escassez de treinamentos e insegurança para atuar diante das diversas formas de violência. Destacam-se a ausência de gestão organizada e a frágil articulação entre os serviços, evidenciando a importância de profissionais bem preparados para uma abordagem integral e psicossocial, que considere as esferas emocional e social, o fortalecimento do trabalho em equipe, a multidisciplinaridade e o incentivo a grupos de autoajuda.
Art. 05 - Silva, Padoin e Vianna (2013) Art. 17 - Murillo et al. (2018) Art. 19 - Goicolea et al. (2019) Art. 20 - Iverson et al. (2019) Art. 21 - Arboit, Padoin e Vieira (2020)	Analisar os fatores limitadores e facilitadores da assistência para o enfrentamento da violência contra a mulher.	Fatores limitadores: escassez de treinamentos, falta de padronização da notificação compulsória, desconhecimento dos profissionais sobre os protocolos de atuação, limitada articulação entre os serviços e tendência à medicalização. Facilitadores: acolhimento e escuta ativa, estabelecimento de vínculo entre profissionais e mulheres, visitas domiciliares e articulação com os ACSs, respeito à autonomia da mulher, implementação de estratégias centradas na perspectiva de gênero e abordagem holística, uso de ferramentas de triagem como 'Extended-Hit, Insult, Threaten, Scream (E-HITS)', presença de equipes multidisciplinares, especialmente com profissionais capacitados.
Art. 09 - Visentin et al. (2015) Art. 14 - Silva et al. (2017) Art. 15 - Amarijo et al. (2018) Art. 22 - Silva e Ribeiro (2020)	Identificar as ações realizadas pelos profissionais de enfermagem à mulher em situação de violência da Atenção Primária à Saúde.	A atuação da enfermagem é fundamental por meio do acolhimento com empatia, escuta ativa, diálogo e estabelecimento de vínculo de confiança com a mulher, exercendo papel central na orientação sobre direitos, realização de anamnese e exame físico, notificação dos casos e encaminhamento para serviços especializados quando necessário. A enfermagem atua como agente de educação em saúde, promovendo a capacitação da equipe e fortalecendo a rede de apoio. No entanto, ainda enfrenta despreparo quanto aos protocolos e estratégias de intervenção, sobrecarga de trabalho, medo e insegurança para notificar casos.
Art-16 - Arboit et al. (2018)	Conhecer as práticas de cuidado desenvolvidas por agentes comunitários de saúde (ACSs) na atenção às mulheres em situação de violência doméstica residentes em áreas rurais.	Os agentes comunitários de saúde, por estarem inseridos no ambiente doméstico e acompanharem o processo saúde-doença das famílias, constroem vínculos de confiança com as mulheres e, diante de situações de violência, adotam estratégias como comunicar o caso à coordenação da equipe, orientar as mulheres sobre seus direitos e acionar a polícia. No entanto, enfrentam dificuldades como a falta de apoio de uma equipe multiprofissional e a ausência de formação específica para lidar com a violência contra a mulher.

Continua>>

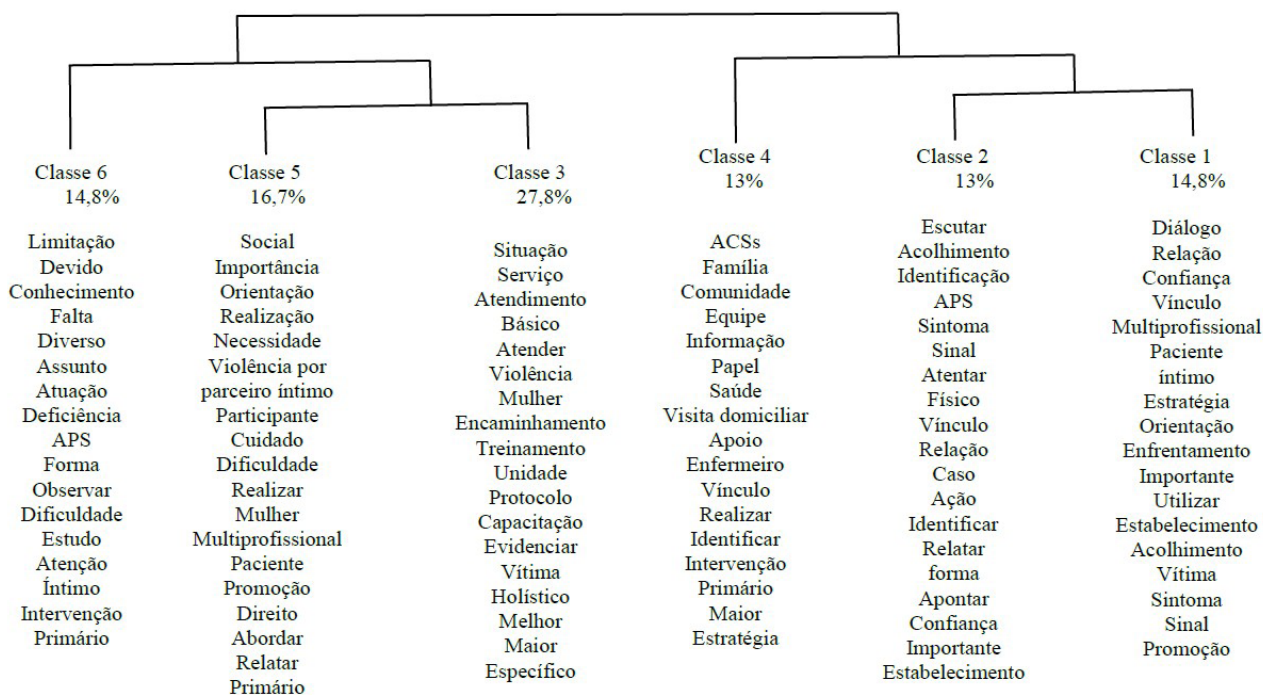
Quadro 2 – Principais informações dos artigos selecionados. Continuação.

Art. 18 - Signorelli, Taft e Pereira (2018) Art. 24 - Carneiro, C. T. et al. (2022) Art. 25 - Carneiro, J. B. et al. (2022) Art. 27 - Aguiar et al. (2023)	Analisar e descrever os fluxos e redes intersectoriais de atendimento à mulher em situação de violência.	Evidenciou-se que a proximidade dos ACSs com a comunidade facilita a identificação dos casos e o vínculo com as mulheres, repassados para a enfermeira, responsável pelas orientações e pelos encaminhamentos iniciais. A atuação integrada com o Núcleo de Apoio à Saúde da Família, o uso de instrumentos e protocolos e a articulação com serviços especializados, como o Centro de Defesa e Convivência da Mulher, são estratégias importantes. No entanto, persistem dificuldades relacionadas ao desconhecimento da rede de atendimento, à baixa capacitação dos profissionais e à ausência de fluxos bem definidos, comprometendo a articulação entre os serviços.
--	--	---

Fonte: elaborado pelas autoras.

As informações extraídas de cada artigo na seção ‘principais resultados’ foram organizadas no *corpus* textual e processadas para análise textual no *software IRaMuTeQ* por meio da classificação hierárquica descendente (CHD), com 77,14% de aproveitamento, resultando em seis classes textuais (Figura 2), as quais deram origem a cinco categorias, em razão de semelhança temática entre as duas primeiras classes.

Figura 2 – Dendrograma sobre a análise temática do enfrentamento da Violência contra a Mulher na Atenção Primária à Saúde.



Fonte: dados processados no *IRaMuTeQ*, 2024.

As categorias apresentadas no Quadro 3 revelam a importância do acolhimento e da escuta ativa na APS para mulheres em situação de violência, por meio da atenção holística, considerando as sequelas não apenas físicas, mas também psicológicas e sociais da violência. Nesse contexto, a construção de vínculos é essencial, por meio de visitas domiciliares, escuta atenta e empatia, além de práticas que promovam o diálogo com a comunidade.

Quadro 3 – Classes textuais resultantes da análise temática do enfrentamento da Violência contra a Mulher na Atenção Primária à Saúde.

CATEGORIAS, CLASSES E ESCORES	PALAVRAS SIGNIFICATIVAS	DISCURSOS
<i>Categoria 01: Integralidade do cuidado, acolhimento e relações de vínculo/confiança na Atenção Primária à Saúde diante da violência contra a mulher</i> Classes 1 e 2 com score de 14,8% e 13%, respectivamente, e (p<0,0001)	‘escutar’, ‘acolhimento’, ‘vínculo’, ‘confiança’, ‘diálogo’, ‘relação’, ‘multiprofissional’, ‘íntimo’	[...] a ‘Atenção Primária à Saúde’ é vista como a porta de entrada para ‘identificação’ precoce dos ‘casos’ de violência e encaminhamento para a rede especializada; as estratégias se concentram na escuta atenta aos sinais e sintomas da violência (score 87.22, art. 21). [...] o ‘acolhimento’ é considerado a principal forma de identificar situações de violência contra a mulher por meio da ‘escuta ativa’ das ‘relações’ de ‘vínculo’ com a pessoa e comunidade, sendo fundamental a observação do comportamento da usuária e presença de lesões para ‘identificação’ de ‘sinais’ e ‘sintomas’ de violência (score 86.05, art. 9). [...] dentre as ações desenvolvidas na ‘Atenção Primária à Saúde’ se destacaram o ‘acolhimento’ e a empatia, o estabelecimento de ‘vínculo’ e confiança entre o profissional e a mulher, diálogo e a escuta atenta, além da realização de encaminhamentos para profissionais de outros serviços, quando necessário, e da notificação dos casos (score 73.49, art. 10).
<i>Categoria 02: Protocolos, intersetorialidade e notificação dos casos de violência contra a mulher na Atenção Primária à Saúde</i> Classe 3 com score 27,8% e (p<0,0001)	‘serviço’, ‘atendimento’, ‘encaminhamento’, ‘treinamento’, ‘protocolo’, ‘holístico’	[...] a ‘atenção básica’ não está preparada para ‘atender mulheres’ em ‘situação’ de ‘violência’, visto que algumas unidades não utilizam estratégias e protocolos de atendimento específicos para identificação e manejo dos casos, prevalecendo o encaminhamento para outros serviços (score 96.32, art. 04). [...] necessidade de ‘protocolos’ e fluxos de ‘atendimento’ específicos para o enfrentamento da ‘violência’ contra a ‘mulher’ e o ‘treinamento’ dos profissionais para uma abordagem ‘holística’ e integral dessas ‘mulheres’ (score 74.41, art. 14). [...] a notificação dos casos ‘atendidos’ nos ‘serviços’ de saúde é uma importante estratégia para a promoção de ações de enfrentamento do problema, no entanto, os participantes relataram ter medo, insegurança e desconhecimento quanto ao atendimento a mulheres em situação de violência, optando muitas vezes pelo encaminhamento (score 73.22, art. 25).
<i>Categoria 03: Agentes comunitários de saúde no enfrentamento da violência contra a mulher</i> Classe 4 com score de 13% e (p<0,0001)	‘família’, ‘agentes comunitários de saúde (ACSs)’, ‘comunidade’, ‘equipe’, ‘visita domiciliar’, ‘apoio’	[...] as reuniões de ‘equipe’, as ‘visitas domiciliares’ para aproximação com as ‘famílias’ e principalmente o conhecimento dos ‘agentes comunitários de saúde’ sobre a dinâmica familiar e sobre o território foram utilizados nas estratégias de cuidado (score 63.89, art. 22). [...] se evidenciou a relevância do ‘vínculo’ estabelecido pelos ‘agentes comunitários de saúde’ com a ‘comunidade’ para o enfrentamento da violência e o ‘papel’ do ‘enfermeiro’ na assistência a essas mulheres como agente promotor de educação em ‘saúde’ responsável por capacitar a ‘equipe’ (score 62.12, art. 24). [...] o ‘agente comunitário de saúde’ identifica o caso e compartilha com os demais membros da ‘equipe’ de Estratégia ‘Saúde da Família’ para a construção de ‘vínculo’ com a mulher. O enfermeiro realiza o atendimento e compartilha as informações com a equipe do núcleo de apoio à saúde da família correspondente à área de atuação (score 59.04, art. 24).
<i>Categoria 04: A importância das orientações, educação em saúde e as relações sociais como estratégias para o enfrentamento da violência contra a mulher</i> Classe 5, com score de 16,7% e (p<0,0001)	‘social’, ‘importância’, ‘orientação’, ‘cuidado’, ‘multiprofissional’, ‘promoção’	[...] assim os ‘participantes’ enfatizaram a ‘importância’ de explorar as esferas psicológica e emocional e o contexto ‘social’ para melhor responder às ‘necessidades’ de saúde da mulher com a ‘realização’ de iniciativas de promoção da saúde e de base comunitária relacionadas à prevenção da ‘violência por parceiro íntimo’ (score 69.63, art. 06) [...] ‘orientações’ e encaminhamentos reforçando para a mulher a ‘importância’ e ‘necessidade’ de fazer a denúncia e ‘realização’ de encaminhamentos para os demais profissionais do mesmo serviço e, quando necessário, para outros serviços além da notificação dos casos suspeitos e confirmados (score 44.35, art. 20). [...] ademais, a organização de grupos terapêuticos de mulheres e a presença de assistentes sociais com conhecimento sobre violência por parceiro íntimo podem auxiliar no enfrentamento da violência (score 29.05, art. 16).

Continua>>

Quadro 3 – Classes textuais resultantes da análise temática do enfrentamento da Violência contra a Mulher na Atenção Primária à Saúde. Continuação.

<i>Categoria 05: Fatores limitantes para o enfrentamento da violência contra a mulher na APS</i> Classe 6, com score de 14,8% e ($p < 0,0001$)	'limitação', 'conhecimento', 'falta', 'atuação', 'deficiência', 'dificuldade'	<i>[...] foram identificadas 'diversas limitações' dos profissionais da 'Atenção Primária à Saúde' na atenção à saúde da mulher em situação de violência, especialmente relacionadas ao medo dos profissionais em intervir em assuntos conjugais, falta de tempo, falta de conhecimentos e despreparo para tal atuação, restringindo a assistência muitas vezes ao encaminhamento (score 129.23, art. 26).</i> <i>[...] sendo evidenciadas bastantes limitações para o enfrentamento da violência na Atenção Primária à Saúde, tais como a falta de conhecimento dos profissionais sobre a atuação diante das diversas formas de violência (score 117.74, art. 12).</i> <i>[...] foram identificadas também algumas 'limitações' na 'atuação' em situações de violência de gênero, como o despreparo dos profissionais, a falta de tempo e sobrecarga de trabalho (score 62.19, art. 17).</i>
--	--	--

Fonte: elaborado pelas autoras.

É notável que a atenção à saúde da mulher em situação de violência na APS encontra-se muitas vezes limitada à realização de encaminhamentos para serviços especializados, com foco no atendimento aos danos físicos. Observam-se ainda limitações relacionadas à falta de preparo dos profissionais, ao desconhecimento de políticas e protocolos, a dificuldades estruturais e organizacionais, à sobrecarga de trabalho, à ausência de diretrizes claras e ao receio em intervir em assuntos conjugais.

Destaca-se a necessidade de que se desenvolvam e implementem protocolos claros, realizem-se ações de prevenção e acompanhamento contínuo, capacitem-se os profissionais, integrem-se as redes de cuidado e criem-se fluxos que promovam um atendimento holístico e humanizado. Ademais, a atuação do agente comunitário de saúde é indispensável, visto que desempenha papel fundamental na identificação de casos de violência doméstica, devido à proximidade com as famílias e ao conhecimento da dinâmica familiar e do território.

Tais discursos evidenciam que a abordagem da violência contra a mulher na APS precisa ser ampliada, de modo a incluir dimensões psicossociais e comunitárias, bem como ações de apoio e empoderamento das mulheres.

Discussão

Os resultados revelam que as estratégias adotadas pelos profissionais da APS caracterizam-se pelo estabelecimento de vínculo e confiança, por meio do acolhimento e escuta ativa; promoção de um cuidado integral e humanizado; articulação multiprofissional e intersetorialidade, com a realização correta de encaminhamentos e notificações; além de educação em saúde e desenvolvimento de grupos terapêuticos na comunidade, com destaque para a atuação estratégica dos ACSs. Cabe salientar que a sobrecarga de trabalho, o medo e a insegurança, assim como o (des)conhecimento ante a problemática e a escassez de treinamentos e capacitações dos profissionais, também influenciam diretamente a efetividade do cuidado e o enfrentamento da violência contra a mulher.

A APS caracteriza-se como principal porta de entrada para o SUS e assume um importante papel na identificação precoce dos casos de violência, no encaminhamento para a rede especializada e na promoção de uma atenção integral (Aguiar et al., 2023). Mendonça e colaboradores (2020) destacam que a APS possibilita maior proximidade entre profissionais e a população, o que a torna ponto estratégico na rede de atenção à saúde, favorecendo prevenção, identificação, notificação, coordenação do cuidado e assistência às mulheres em situação de violência.

Assim, o acolhimento constitui o primeiro passo para o estabelecimento de vínculo com a pessoa, a família e a coletividade, sendo essencial para a promoção da saúde na APS (Arboit et al., 2017). Para Costa e Lopes (2012), o acolhimento é uma conduta de cuidado que promove escuta qualificada e atendimento às necessidades de saúde do indivíduo, tanto implícitas quanto explícitas.

Visentin e colaboradores (2015) destacam que os profissionais da APS devem oferecer um ambiente seguro para escuta ativa, com estabelecimento de vínculos de confiança, a fim de garantir assistência humanizada, integral e acolhedora (Castanha, Lima e Pecoraro, 2022). Ressalta-se que a escuta ativa é essencial para a identificação da

violência e o alcance do acolhimento, de modo a possibilitar a observação de sinais e sintomas não verbalizados por elas (Arboit, Padoin e Vieira, 2020).

Nesse cenário, os ACSs desempenham um papel estratégico devido à sua proximidade com a comunidade, permitindo maior vínculo com as famílias, identificação precoce de situações de violência, realização de abordagens iniciais e encaminhamento das mulheres para a rede de cuidados, garantindo um atendimento multiprofissional e humanizado (Moreira et al., 2014; Arboit et al. 2018). Os agentes atuam como facilitadores para o estabelecimento de relações de vínculo e confiança com as famílias, além de identificar suas necessidades, desempenhando funções primordiais no apoio social a essas mulheres por meio do planejamento de ações integradas, que envolvem equipe de saúde e outros setores da rede de atendimento às mulheres em situação de violência (Signorelli, Taft e Pereira, 2018). As visitas domiciliares constituem ferramentas-chave, pois promovem contato mais próximo e contínuo, permitindo a observação de situações no contexto familiar que não são identificadas em consultas de rotina e facilitando as orientações (Hesler et al., 2013).

Marinho e Gonçalves (2019) destacam a importância das orientações destinadas a essas mulheres, visando empoderá-las e auxiliá-las a romper o ciclo de violência. Essas ações envolvem informar sobre seus direitos e a importância da denúncia como mecanismo de proteção e justiça, os tipos de violência previstos na legislação, os recursos disponíveis para enfrentamento e o encaminhamento aos serviços de proteção social, delegacias e centros de referência (Bezerra e Saldanha, 2022). As ações de educação em saúde devem ir além de orientações individuais, alcançando a comunidade por meio de grupos terapêuticos e campanhas educativas, que promovam a conscientização sobre o problema e contribuam para a redução do estigma em torno da violência (Souza e Pereira, 2024).

Carneiro e colaboradores (2022) salientam que os profissionais devem ainda direcionar essas mulheres para outros serviços especializados. Assim, a intersetorialidade é essencial para uma abordagem integrada, por meio de respostas assistenciais articuladas em rede, o que possibilita a ampliação e a melhoria da qualidade do atendimento (Gonsalves e Schraiber, 2021).

Gonsalves e Schraiber (2021) destacam que os encaminhamentos devem ser feitos de forma criteriosa e com acompanhamento, garantindo que as mulheres tenham acesso ágil aos serviços especializados. Para tanto, é indispensável a comunicação do caso entre as equipes intersetoriais, por meio de referência e contrarreferência em saúde, bem como o conhecimento dos fluxos de atendimento (Borburema et al., 2017).

Para Santos e colaboradores (2014), os encaminhamentos e a notificação dos casos na APS ainda são bastante limitados, devido à falta de conhecimento dos profissionais, à ausência de protocolos e fluxos de atendimento, bem como ao medo e à insegurança dos profissionais ao agir diante de tais situações (Vasconcelos et al., 2024).

Oliveira e colaboradores (2024) evidenciaram que a formação na graduação de cursos da área da saúde sobre a violência contra a mulher é insuficiente, sendo abordada de forma superficial e fragmentada, o que causa insegurança e receio nos profissionais para atuarem diante desses casos.

Ademais, foi identificada a escassez de capacitações, treinamentos e ações de educação continuada em saúde sobre o atendimento à mulher em situação de violência (Silva, Padoin e Vianna, 2013). Dada a sua importância para sensibilização e atualização permanente dos profissionais quanto à melhor abordagem, ao uso correto dos protocolos, ao fortalecimento da rede de cuidado e à desconstrução de preconceitos, a educação continuada é considerada por Bearzi e colaboradores (2020) como essencial para a prestação de uma assistência acolhedora, humanizada e assertiva para o enfrentamento da violência.

Segundo Iverson e colaboradores (2019), a sobrecarga de trabalho configura-se também como uma importante limitação na busca pela melhor abordagem. Esse contexto é marcado por demandas excessivas, escassez de profissionais, falta de tempo para consultas aprofundadas, pressão para cumprir metas relacionadas a outras condições de saúde e assistência pautada no modelo biomédico, o que compromete o atendimento à mulher em situação de violência (Villa et al., 2018).

Além disso, são perceptíveis a insegurança e o medo dos profissionais para atuarem diante da violência contra a mulher, especialmente nos casos de violência por parceiro íntimo (Silva et al., 2022). Tal situação decorre de fatores estruturais e organizacionais dos serviços, como falta de protocolos claros, ausência de treinamentos específicos, carência de apoio institucional para lidar com as implicações legais e sociais dos casos, além de receio de represálias pelo agressor ou julgamentos da comunidade (Alsalman, Shafey e Al Ali, 2023).

Cabe salientar que a percepção e identificação da violência pelas mulheres que vivenciam situações de abuso variam amplamente, influenciadas por fatores culturais, emocionais e sociais (Carneiro et al., 2021). Muitas mulheres não reconhecem imediatamente tais situações, especialmente quando elas ocorrem de maneira psicológica ou simbólica. Isso se deve às crenças culturais associadas a sentimentos como culpa, medo de represálias e dependência econômica, que podem levar à negação ou minimização do problema (Baragatti et al., 2019).

Dessa forma, Moreira e colaboradores (2018) e Souza (2021) enfatizam a necessidade da implementação de processos de capacitação contínuos e intersetoriais, a fim de se fortalecer a rede de cuidado e promover intervenções mais efetivas, com foco nas necessidades das mulheres para o rompimento do ciclo de violência. Ressaltam-se, ainda, estratégias voltadas para a reorganização das tarefas dentro das equipes multiprofissionais, a ampliação do quadro de profissionais e a promoção de processos de educação permanente.

Considerações finais

O presente estudo possibilitou o mapeamento de evidências científicas voltadas à descrição das estratégias de enfrentamento da violência contra a mulher na Atenção Primária à Saúde. Demonstrou que, apesar de desafios significativos, a APS desempenha um papel crucial nesse enfrentamento, constituindo a principal porta de entrada para o SUS.

As estratégias de acolhimento, escuta ativa, articulação multiprofissional e intersetorial, juntamente com a promoção de orientações, educação em saúde e redes de apoio para o empoderamento das mulheres, assim como a atuação estratégica dos agentes comunitários de saúde, constituem pilares fundamentais para garantia do cuidado integral e humanizado às mulheres em situação de violência. Entretanto, fatores como sobrecarga de trabalho, insegurança profissional, escassez de capacitações, desconhecimento de protocolos e fluxos de atendimento, além de barreiras culturais e sociais, comprometem a efetividade das ações de enfrentamento. A subnotificação e a falta de articulação da rede de cuidados apontam a necessidade de maior preparo dos profissionais, bem como o fortalecimento da formação acadêmica e da educação continuada.

Os achados evidenciam a necessidade de se formularem ações e estratégias comunitárias e campanhas educativas para identificação precoce, abordagem e enfrentamento do agravo pelos profissionais da APS, visando ao fortalecimento da rede de enfrentamento da violência contra a mulher.

Informações do artigo

Contribuição dos autores

Concepção do estudo: GFL, GAA.

Curadoria dos dados: GFL, GAA.

Coleta de dados: GFL, ACOS.

Análise dos dados: GFL, FTLSM.

Redação - manuscrito original: GFL.

Redação - revisão e edição: GFL, SJBB, CGPC, GAA.

Financiamento

Não houve financiamento para a realização desta pesquisa.

Conflito de interesses

Os autores declaram não possuir conflito de interesses.

Aspectos éticos

Por se tratar de uma pesquisa de revisão, não houve necessidade de aprovação por um comitê de ética em pesquisa (CEP).

Apresentação prévia

Este artigo é resultante de um trabalho de Gerliane Filgueira Leite, realizado como requisito para a conclusão de curso de graduação em enfermagem na Universidade Regional do Cariri, em 2024.

Preprint e versão final

Os autores declaram que o manuscrito não foi disponibilizado em repositório de *preprint*.

O protocolo desta revisão está registrado no Open Science Framework (OSF) (https://osf.io/8j52h/?view_only=8f8fa563584940cc8dfab7d0423d3f8b).

Declaração de disponibilidade de dados

Os dados de pesquisa estão disponíveis no SciELO Data, DOI: <https://doi.org/10.48331/SCIELODATA.1Y9CQ0>

Processo de avaliação

Revisão por pares duplo-cega (*double blind peer review*).

Avaliadores

Dois pareceristas *ad hoc* avaliaram este artigo e somente Alba Regina Silva Medeiros, [<https://orcid.org/0000-0003-0208-6509>], autorizou a divulgação de seu nome.

Editora científica

Bárbara Bulhões

<https://orcid.org/0000-0001-6462-0012>

Referências

- AGUIAR, Janaina M. *et al.* Atenção Primária à Saúde e os serviços especializados de atendimento a mulheres em situação de violência: expectativas e desencontros na voz dos profissionais. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 32, n. 1, 2023. <https://doi.org/10.1590/s0104-12902023220266pt>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/5nY8t6kLrVW8N6FjQzxgRTL/?lang=pt>. Acesso em: 26 set. 2024.
- ALMEIDA, Luana R.; SILVA, Ana T. M. C.; MACHADO, Liliane S. O objeto, a finalidade e os instrumentos do processo de trabalho em saúde na atenção à violência de gênero em um serviço de atenção básica. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 18, n. 48, p. 47-60, 2014. <https://doi.org/10.1590/1807-57622014.0560>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/4msY5xCRYsRjcwHrJTVD95p/?lang=pt>. Acesso em: 2 out. 2024.
- ALSALMAN, Zaenb; SHAFEEY, Marwa; AL ALI, Laila. Intimate partner violence: are Saudi physicians in Primary Health Care settings ready to identify, screen, and respond? *International Journal of Women's Health*, Auckland, v. 15, p. 623-633, 2023. <https://doi.org/10.2147/ijwh.s401926>. Disponível em: <https://www.dovepress.com/intimate-partner-violence-are-saudi-physicians-in-primary-health-care--peer-reviewed-fulltext-article-IJWH>. Acesso em: 14 out. 2024.
- AMARIJO, Cristiane L. *et al.* Assimilação teórica e prática da violência doméstica: profissionais de enfermagem atendendo vítimas na atenção primária. *Revista Enfermagem Uerj*, Rio de Janeiro, v. 26, p. e33874, 2018. <https://doi.org/10.12957/reuerj.2018.33874>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/33874>. Acesso em: 28 set. 2024.
- ARAÚJO, Wánderston C. O. Recuperação da informação em saúde. *Convergências em Ciência da Informação*, Aracaju, v. 3, n. 2, p. 100-134, 2020. <https://doi.org/10.33467/conci.v3i2.13447>. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/conci/article/view/13447>. Acesso em: 29 fev. 2024.
- ARBOIT, Jaqueline; PADOIN, Stela M. M.; VIEIRA, Letícia B. Violence against women in Primary Health Care: potentialities and limitations to identification. *Atención Primaria*, Barcelona, v. 52, n. 1, p. 14-21, 2020. <https://doi.org/10.1016/j.aprim.2018.09.008>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0212656718301215?via%3Dihub>. Acesso em: 27 set. 2024.
- ARBOIT, Jaqueline *et al.* Health care for women in situations of violence: discoordination of network professionals. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, São Paulo, v. 51, 2017. <https://doi.org/10.1590/s1980-220x2016113303207>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/gzp587MjnqYCY5CSycCPP7h/?lang=en>. Acesso em: 1 out. 2024.
- ARBOIT, Jaqueline *et al.* Violência doméstica contra mulheres rurais: práticas de cuidado desenvolvidas por agentes comunitários de saúde. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 506-517, 2018. <https://doi.org/10.1590/s0104-12902018169293>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/XVKqD3PjhQPnLwLdqMwKWsm/?lang=pt>. Acesso em: 28 set. 2024.
- ARKSEY, Hilary; O'MALLEY, Lisa. Scoping studies: towards a methodological framework. *International Journal of Social Research Methodology*, London, v. 8, n. 1, p. 19-32, 2005. <https://doi.org/10.1080/1364557032000119616>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/1364557032000119616>. Acesso em: 29 fev. 2024.
- AZAMBUJA, Mariana P. R.; NOGUEIRA, Conceição. Introdução à violência contra as mulheres como um problema de direitos humanos e de saúde pública. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 101-112, 2008. <https://doi.org/10.1590/s0104-12902008000300011>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/V5RjdbVjmmTbDvbqrs7zjzf/?lang=pt>. Acesso em: 4 abr. 2024.
- BARAGATTI, Daniella Y. *et al.* Rota crítica de mulheres em situação de violência: revisão integrativa. *Revista Panamericana de Salud Pública*, Washington, v. 43, p. 1, 2019. <https://doi.org/10.26633/rpsp.2019.34>. Disponível em: <https://iris.paho.org/items/de14dad-c961-46d7-a542-8806abe61ddb>. Acesso em: 24 nov. 2024.
- BARROSO, Milena F. Violência estrutural contra mulheres em Belo Monte: o que os dados oficiais (não) revelam. *Em pauta: teoria social e realidade contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 43, 2019. <https://doi.org/10.12957/rep.2019.42509>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/view/42509>. Acesso em: 8 abr. 2024.
- BEARZI, Paula S. S. *et al.* Trilhas para o enfrentamento da violência contra a mulher. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 28, n. 3, 2020. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n360162>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/vKcqXCvCdPrbPQBfh79GPwR/?lang=pt>. Acesso em: 20 maio de 2024.

- BEZERRA, Mariana F.; SALDANHA, Carla F. M. O empoderamento feminino no processo de rompimento do ciclo de violência doméstica. *Gênero na Amazônia*, Belém, n. 16-18, p. 369, 2022. <https://doi.org/10.18542/rcga.v0i16-18.13304>. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/generoamazonia/article/view/13304>. Acesso em: 22 nov. 2024.
- BORBUREMA, Telma L. R. *et al.* Violência contra mulher em contexto de vulnerabilidade social na Atenção Primária: registro de violência em prontuários. *Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 39, p. 1-13, 2017. [https://doi.org/10.5712/rbmfc12\(39\)1460](https://doi.org/10.5712/rbmfc12(39)1460). Disponível em: <https://rbmfc.org.br/rbmfc/article/view/1460>. Acesso em: 28 set. 2024.
- BORSOI, Tatiana S.; BRANDÃO, Elaine R.; CAVALCANTI, Maria L. T. Ações para o enfrentamento da violência contra a mulher em duas unidades de Atenção Primária à Saúde no município do Rio de Janeiro. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 13, n. 28, p. 165-174, 2009. <https://doi.org/10.1590/s1414-32832009000100014>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/yYkyHMjFCcYhKPND5WpHFTj/?lang=pt>. Acesso em: 2 out. 2024.
- BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial de Políticas para Mulheres. *Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres*. Brasília: Presidência da República, [2011?]. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/politicas-para-mulheres/arquivo/arquivos-diversos/sev/pacto/documentos/politica-nacional-enfrentamento-a-violencia-versao-final.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2024.
- CARNEIRO, Cristianne T. *et al.* Fluxos de atendimento às mulheres em situação de violência na Atenção Primária à Saúde. *Revista Ciência Plural*, Natal, v. 8, n. 3, p. 1-20, 2022. <https://doi.org/10.21680/2446-7286.2022v8n3id26089>. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/rcp/article/view/26089>. Acesso em: 27 set. 2024.
- CARNEIRO, Jordana B. *et al.* Revelando desfechos do cuidado com a mulher em situação de violência conjugal. *Acta Paulista de Enfermagem*, São Paulo, v. 34, 2021. <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2021ao001555>. Disponível em: <https://acta-ape.org/article/revelando-desfechos-do-cuidado-com-a-mulher-em-situacao-de-violencia-conjugal/>. Acesso em: 27 set. 2024.
- CARNEIRO, Jordana B. *et al.* Theoretical-explanatory model of the care provided to women in situations of violence in primary health care. *Texto & Contexto Enfermagem*, Florianópolis, v. 31, 2022. <https://doi.org/10.1590/1980-265x-tce-2020-0639>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/7TF3ZT9VttdnVxtZdVhg6Ds/?lang=en>. Acesso em: 27 set. 2024.
- CASTANHA, Liliane; LIMA, Maria R.; PECORARO, Tatiane. Acolhimento de mulheres vítimas de violência na Atenção Básica em Saúde. *Revista Nupem*, Campo Mourão, v. 14, n. 31, p. 248-262, 2022. <https://doi.org/10.33871/nupem.2022.14.31.248-262>. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/nupem/article/view/5708>. Acesso em: 20 nov. 2024.
- CERQUEIRA, Daniel; BUENO, Samira (coord.). *Atlas da violência 2023*. Brasília: Ipea: FBSP, 2023. 115 p. DOI: <https://dx.doi.org/10.38116/riatlasdaviolencia2023>. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/entities/publication/262d546c-1a85-43b2-88f1-8c8f1473e0e6>. Acesso em: 16 jun. 2026.
- COSTA, Marta C.; LOPES, Marta J. M. Elementos de integralidade nas práticas profissionais de saúde a mulheres rurais vítimas de violência. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, São Paulo, v. 46, n. 5, p. 1.088-1.095, 2012. <https://doi.org/10.1590/s0080-62342012000500008>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/XskcTvNMGNbcP8ctn5bT7wk/?lang=pt>. Acesso em: 26 set. 2024.
- CURIA, Beatriz G. *et al.* Produções científicas brasileiras em psicologia sobre violência contra a mulher por parceiro íntimo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 40, 2020. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003189184>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/V8jcXqbrLxts8r5jqzQ8LPv/?lang=pt>. Acesso em: 1 abr. 2024.
- DOMINGOS, Juliana. Feminismo: origens, conquistas e desafios no século 21. *Jornal Nexo*, 7 mar. 2024. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/explicado/2020/03/07/feminismo-origens-conquistas-e-desafios-no-seculo-21>. Acesso em: 6 abr. 2024.
- FERRANTE, Fernanda G.; SANTOS, Manoel A.; VIEIRA, Elisabeth M. Violência contra a mulher: percepção dos médicos das unidades básicas de saúde da cidade de Ribeirão Preto, São Paulo. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 13, n. 31, p. 287-299, 2009. <https://doi.org/10.1590/s1414-32832009000400005>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/6DtrDkgk3tsrxSWb9x9ZGpr/?lang=pt>. Acesso em: 2 out. 2024.
- GOICOLEA, Isabel *et al.* Primary health care attributes and responses to intimate partner violence in Spain.

Gaceta Sanitaria, Barcelona, v. 31, n. 3, p. 187-193, 2017. <https://doi.org/10.1016/j.gaceta.2016.11.012>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0213911117300353?via%3Dihub>. Acesso em: 1 out. 2024.

GOICOLEA, Isabel *et al.* Why do certain primary health care teams respond better to intimate partner violence than others? a multiple case study. *Gaceta Sanitaria*, Barcelona, v. 33, n. 2, p. 169-176, 2019. <https://doi.org/10.1016/j.gaceta.2017.10.005>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0213911117302686?via%3Dihub>. Acesso em: 28 set. 2024.

GONSALVES, Emmanuela; SCHRAIBER, Lilia B. Intersetorialidade e Atenção Básica à Saúde: a atenção a mulheres em situação de violência. *Saúde em Debate*, Rio de Janeiro, v. 45, n. 131, p. 958-969, 2021. <https://doi.org/10.1590/0103-1104202113102>. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/sdeb/2021.v45n131/958-969/#>. Acesso em: 23 nov. 2024.

HESLER, Lilian Z. *et al.* Violência contra as mulheres na perspectiva dos agentes comunitários de saúde. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, Porto Alegre, v. 34, n. 1, p. 180-186, 2013. <https://doi.org/10.1590/s1983-14472013000100023>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rngen/a/MWVc63psXP36k7CKSP4YSzp/?lang=pt>. Acesso em: 22 nov. 2024.

IVERSON, Katherine M. *et al.* Intimate partner violence screening programs in the veterans health administration: informing scale-up of successful practices. *Journal of General Internal Medicine*, Boston, v. 34, n. 11, p. 2.435-2.442, 2019. <https://doi.org/10.1007/s11606-019-05240-y>. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s11606-019-05240-y>. Acesso em: 26 set. 2024.

MARINHO, Paloma A. S.; GONÇALVES, Hebe S. Mulheres em situação de violência doméstica: aspectos referentes ao empoderamento feminino. *Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis*, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 1-18, 2019. <https://doi.org/10.5007/1807-1384.2019v16n2p1>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2019v16n2p1>. Acesso em: 22 nov. 2024.

MENDONÇA, Carolina S. *et al.* Violência na atenção primária em saúde no Brasil: uma revisão integrativa da literatura. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 6, p. 2.247-2.257, 2020. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.19332018>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/5GyqvZVTTXQLnSbVwcZ6QvL/?lang=pt>. Acesso em: 8 abr. 2024.

MOREIRA, Gracyelle A. R. *et al.* Qualificação de profissionais da saúde para a atenção às mulheres em situação de violência sexual. *Trabalho, Educação e Saúde*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 1.039-1.055, 2018. <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00156>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/BXqVCsBSnqgpd4KJmTM7LdP/?lang=pt>. Acesso em: 24 nov. 2024.

MOREIRA, Tatiana N. F. *et al.* A construção do cuidado: o atendimento às situações de violência doméstica por equipes de saúde da família. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 814-827, 2014. <https://doi.org/10.1590/s0104-12902014000300007>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/9GL6XQDNpTd6HLFpZhRJGPv/?lang=pt>. Acesso em: 1 out. 2024.

MURILLO, Pilar *et al.* Factores asociados a la respuesta a la violencia del compañero íntimo en atención primaria de salud en España. *Gaceta Sanitaria*, Barcelona, v. 32, n. 5, p. 433-438, 2018. <https://doi.org/10.1016/j.gaceta.2017.03.003>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0213911117300900?via%3Dihub>. Acesso em: 28 set. 2024.

OLIVEIRA, Julia C. *et al.* Processos formativos para o enfrentamento das violências contra as mulheres no setor saúde: uma revisão integrativa. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 9, 2024. <https://doi.org/10.1590/1413-81232024299.14782023>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/XW7dRCndBnV4YVztqDJZ48z/?lang=pt>. Acesso em: 23 nov. 2024.

OSIS, Maria J. D.; DUARTE, Graciana A.; FAÚNDES, Aníbal. Violência entre usuárias de unidades de saúde: prevalência, perspectiva e conduta de gestores e profissionais. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 46, n. 2, p. 351-358, 2012. <https://doi.org/10.1590/s0034-89102012005000019>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/D8QpHtCjt9zJXSKX3pRpFJH/?lang=pt>. Acesso em: 2 out. 2024.

RODRÍGUEZ-BLANES, Gloria M. *et al.* Detección de violencia del compañero íntimo en atención primaria de salud y sus factores asociados. *Gaceta Sanitaria*, Barcelona, v. 31, n. 5, p. 410-415, 2017. <https://doi.org/10.1016/j.gaceta.2016.11.008>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0213911117300092?via%3Dihub>. Acesso em: 1 out. 2024.

SANTOS, Joselito *et al.* Conhecimento de enfermeiras em unidades de saúde sobre a assistência à mulher vítima da violência. *Revista Baiana de Enfermagem*, Salvador, v. 28, n. 3, p. 260-270, 2014. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-759536>. Acesso em: 2 out. 2024.

SIGNORELLI, Marcos C.; TAFT, Angela; PEREIRA, Pedro P. G. Domestic violence against women, public policies and community health workers in Brazilian Primary Health Care. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 93-102, 2018. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018231.16562015>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/J55Jxm9XWYcSr5pqxtGW8Xr/?lang=en>. Acesso em: 26 set. 2024.

SILVA, Ariana S. B. *et al.* Perceptions of primary health care workers regarding violence against women. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, São Paulo, v. 56, 2022. <https://doi.org/10.1590/1980-220x-reeusp-2021-0097>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/Wj8PRcCqsZnt9yhW97G4nCn/?lang=en>. Acesso em: 27 set. 2024.

SILVA, Ethel B.; PADOIN, Stella M. M.; VIANNA, Lucila A. C. Violência contra a mulher: limites e potencialidades da prática assistencial. *Acta Paulista de Enfermagem*, São Paulo, v. 26, n. 6, p. 608-613, 2013. <https://doi.org/10.1590/s0103-21002013000600016>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/ZdsPSjkNDYF9dGfjT5LLp9r/?lang=pt>. Acesso em: 2 out. 2024.

SILVA, Lúcia E. L.; OLIVEIRA, Maria L. C. Violência contra a mulher: revisão sistemática da produção científica nacional no período de 2009 a 2013. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 11, p. 3.523-3.532, 2015. <https://doi.org/10.1590/1413-812320152011.11302014>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/tWkf7gCRjdr8wxNFCqqsZL/?lang=pt>. Acesso em: 26 mar. 2024.

SILVA, Neuzileny N. F. *et al.* Atuação dos enfermeiros da atenção básica a mulheres em situação de violência. *Enfermagem em Foco*, Salvador, v. 8, n. 3, 2017. Disponível em: <https://enfermfoco.org/wp-content/plugins/xml-to-html/include/lens/index.php?xml=2357-707X-enfoco-08-03-0070.xml&lang=pt-br>. Acesso em: 1 out. 2024.

SILVA, Viviane G.; RIBEIRO, Patrícia M. Violência contra as mulheres na prática de enfermeiras da Atenção Primária à Saúde. *Escola Anna Nery*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 4, 2020. <https://doi.org/10.1590/2177-9465-ean-2019-0371>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/RXvRBqJz3x4dD3BmntHDCsK/?lang=pt>. Acesso em: 28 set. 2024.

SOUZA, Francisca T. P. *et al.* Interface between women's health and violence in the training of nurses in Brazil. *Investigación y Educación en Enfermería*, Medellín, v. 39, n. 1, 2021. <https://doi.org/10.17533/udea.iee.v39n1e06>. Disponível em: <https://revistas.udea.edu.co/index.php/iee/article/view/345520>. Acesso em: 30 maio 2024.

SOUZA, Lívia B. P.; PEREIRA, Ana M. M. Empoderamento feminino: rompendo o ciclo de violência doméstica contra a mulher. In: MEDEIROS, Janiara de Lima. *Without borders: international research*. 1. ed. Natal: Editora Amplamente, 2024. p. 183-200. *E-book*. <https://doi.org/10.47538/ac-2024.18-08>. Disponível em: <https://www.amplamentecursos.com/ebook-without-borders-international-research>. Acesso em: 22 nov. 2024.

TRICCO, Andrea C. *et al.* Prisma Extension for Scoping Reviews (Prisma-ScR): checklist and explanation. *Annals of Internal Medicine*, Rio de Janeiro, v. 169, n. 7, p. 467, 2018. <https://doi.org/10.7326/m18-0850>. Disponível em: <https://www.acpjournals.org/doi/10.7326/M18-0850>. Acesso em: 29 fev. 2024.

VASCONCELOS, Nádia M. *et al.* Subnotificação de violência contra as mulheres: uma análise de duas fontes de dados. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 10, 2024. <https://doi.org/10.1590/1413-812320242910.07732023>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/mFrQ75wXPKNTVGt97yGFCRG/?lang=pt>. Acesso em: 24 nov. 2024.

VILLA, Lorena B. N. *et al.* Assistência dos profissionais da Estratégia Saúde da Família na atenção à mulher vítima de violência. *Nursing*, Osasco, v. 21, n. 247, p. 2.494-2.497, 2018. <https://doi.org/10.36489/nursing.2018v21i247p2494-2497>. Disponível em: <https://revistanursing.com.br/index.php/revistanursing/article/view/220>. Acesso em: 24 nov. 2024.

VISENTIN, Fernanda *et al.* Women's primary care nursing in situations of gender violence. *Investigación y Educación en Enfermería*, Medellín, v. 33, n. 3, 2015. <https://doi.org/10.17533/udea.iee.v33n3a20>. Disponível em: <https://revistas.udea.edu.co/index.php/iee/article/view/24465>. Acesso em: 1 out. 2024.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *Violence against women prevalence estimates, 2018: global, regional and national prevalence estimates for intimate partner violence against women and global and regional prevalence estimates for non-partner sexual violence against women*. Geneva: WHO, 2021. Disponível em: <https://iris.who.int/server/api/core/bitstreams/145c0488-87d1-4d3f-a562-f98f9bd5dac2/content>. Acesso em: 26 maio 2026.